

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM ALEGRETE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA LICENCIATURA**

ANA MARIA ALEXANDRE MONTANO

**A RELAÇÃO AFETIVA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO COTIDIANO
DA SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS**

ALEGRETE

2023

ANA MARIA ALEXANDRE MONTANO

**A RELAÇÃO AFETIVA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO COTIDIANO
DA SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado como requisito parcial de
obtenção do título de licenciado em
Pedagogia na Universidade Estadual do
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Edilma Machado
de Lima

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof.^a Dra. Edilma Machado de Lima
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Prof.^a Dra. Fani Averbuh Tesseler
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Prof.^a Dra. Daiana Bortoluzzi Baldoni
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Dedico esse trabalho especialmente ao meu marido, Vagner, por apoiar as minhas decisões e não medir esforços para me auxiliar.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por permitir que eu tenha chegado até aqui! Em meio a tantos desafios encontrados, segui firme, com determinação, na intenção de realizar esse sonho.

À minha família, por estar sempre presente e ver a minha realização profissional acontecer, servindo de inspiração para buscarem seus sonhos.

À minha orientadora, professora Edilma Machado de Lima, que sempre me incentivou a evoluir, me cobrou excelência, e enriqueceu meus conhecimentos pelas trocas e pelo exemplo durante toda trajetória acadêmica.

Agradeço à banca de defesa final deste trabalho, as professoras Fani Averbuh Tesseler e Daiana Bortoluzzi Baldoni por terem aceitado o convite e pelas valiosas contribuições que compartilharam.

Agradeço a todas as mestras que fazem desse ofício uma semente multiplicadora com o objetivo de despertar!

A RELAÇÃO AFETIVA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO COTIDIANO DA SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS

Ana Maria Alexandre Montano¹
Edilma Machado de Lima²

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a relação afetiva no contexto de uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Alegrete, Rio Grande do Sul. A metodologia empregada foi uma pesquisa de abordagem qualitativa, com objetivo exploratório associado a uma pesquisa de campo. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram a observação participante e o questionário aberto. A observação foi realizada na turma de 1º ano e o questionário aberto foi aplicado à professora regente da referida turma. Com base no viés analítico perante os dados obtidos na pesquisa, percebeu-se que a docente reconhece a importância da afetividade para o desenvolvimento integral dos alunos. Para a professora, não se trata de reduzir a afetividade a um aspecto secundário, mas a considera uma questão indissociável dos aspectos cognitivos e sociais. Em suas práticas pedagógicas, a professora e os alunos apresentam vínculos afetivos saudáveis, pelo que pode ser observado no período de realização da pesquisa. Conclui-se, portanto, que a docente demonstrou reconhecer os interesses, características e posicionamentos da turma, os acolhendo e transmitindo segurança e carinho no cotidiano. Observou-se que os alunos parecem sentirem-se seguros, confiantes e estimulados com as propostas realizadas, fato que reforça o quanto afetividade e inteligência estão interligados.

Palavras-Chave: Afetividade. Docência nos Anos Iniciais. Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

O elemento da afetividade relacionado com o processo de aprendizagem no cotidiano da sala de aula nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é de suma importância para o desenvolvimento dos educandos (BRUST, 2009). O cotidiano da sala de aula evidencia a forma como os professores consideram e promovem as experiências e as conexões entre as crianças e com o meio no que diz respeito à construção da aprendizagem.

Assim, este ambiente vem a oferecer e oportunizar aos alunos ações escolares contemplando a afetividade para constituir uma formação integral das

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade em Alegrete.

² Professora adjunta no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade em Alegrete.

dimensões físicas, psicológicas, sociais e afetivas. Por isso, “como o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual, ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento da criança” (BRUST, 2009, p. 30).

Por isso, entendemos que a temática desta pesquisa pode ser de grande relevância, pois a afetividade, relacionada ao processo de aprendizagem no cotidiano da sala de aula nos Anos Iniciais, alavanca uma projeção de perspectivas positivas e desenvolvimento integral já que a mediação do professor interfere diretamente na relação com os alunos e destes com a construção dos conhecimentos (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Assim, a escolha desta temática é embasada na importância da construção do relacionamento cognitivo-afetivo durante o processo de ensino aprendizagem no cotidiano da sala de aula dos Anos Iniciais gerando a expansão dos potenciais para o sucesso escolar. O interesse pelo tema também se deu através das experiências advindas dos estágios supervisionados, em que foi possível observar e vivenciar momentos em que a afetividade se mostrou fundamental para o cotidiano escolar.

Nesse sentido, elencamos neste trabalho o objetivo geral de analisar a relação afetiva no contexto de uma turma de 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola pública de Alegrete, Rio Grande do Sul. Os objetivos específicos são: investigar as contribuições da relação afetiva no processo de aprendizagem a partir de autores da área; conceituar o termo afetividade em relação à formação integral dos sujeitos; discutir a importância da relação professor-aluno para o desenvolvimento dos educandos no contexto da turma pesquisada.

A questão de pesquisa visa responder à pergunta: Quais são as contribuições da relação afetiva no ambiente escolar para o processo de aprendizagem nos Anos Iniciais em uma turma de 1º de uma escola pública?

Para responder a esta questão, além dessa seção com a parte introdutória, no que segue apresentamos os encaminhamentos metodológicos, posteriormente, a revisão da literatura, a discussão dos resultados da coleta de dados e, por fim, nossas considerações finais.

2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Esta pesquisa foi de abordagem qualitativa, com objetivo exploratório, pois conforme Godoy (1995, p. 58):

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

A abordagem qualitativa se justifica neste trabalho, pois buscamos respostas para as questões relacionadas às contribuições da relação afetiva no ambiente escolar para o processo de aprendizagem nos anos iniciais, portanto não temos como mensurar tais processos.

Quanto ao objetivo, a pesquisa será exploratória apoiada pelo estudo de campo. A pesquisa qualifica-se como exploratória, pois permite ao investigador “[...] aumentar sua experiência em torno de um determinado problema” (TRIVIÑOS, 1987, p. 109). Quanto ao método, concordamos com Gil (2008, p. 53) ao definir Pesquisa de Campo “como sendo aquela que focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana”.

Como instrumentos optamos pela observação participante e o questionário aberto. Segundo Marconi e Lakatos (1996), a observação participante pode ser compreendida como a técnica em que o observador se envolve diretamente com o grupo, transformando-se em um dos seus membros, portanto, existe a interação entre pesquisador e pesquisados.

Outro instrumento da pesquisa foi o questionário aberto, que para Gil (2008, p. 128) é uma “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses e expectativas”.

O questionário aberto foi aplicado a professora que atua no 1º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com formação em Pedagogia - Anos iniciais, crianças, jovens e adultos. A docente exerce o trabalho docente há dez anos.

A partir das observações e das narrativas do questionário aberto aplicado à professora, foi realizada a exploração dos materiais, permitindo uma análise mais aprofundada em que buscamos em alguns autores elementos para corroborar com

o que foi apresentado.

É importante ressaltar que a observação foi realizada em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental I, que contempla 20 alunos, exercendo 20h de observações no período de 22/05/2023 até 26/05/2023, e 40h de práticas docentes no período de 05/06/2023 até 19/06/2023, no período da tarde em uma escola estadual de Alegrete. A instituição de ensino oferece material didático e possui a sala de audiovisual, biblioteca e sala de informática. A comunidade escolar é presente e participativa, os alunos são valorizados e respeitados, sentem-se seguros no ambiente e isso torna o espaço agradável.

Antes de dar início às observações e aplicação do questionário da pesquisa foi assinado o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido à docente após a autorização da instituição escolar para o desenvolvimento do presente estudo.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 AFETIVIDADE: CONCEITUAÇÕES

A afetividade é um aspecto que vem sendo muito discutido atualmente, sendo articulado ao contexto educacional e de aprendizagem de crianças, jovens e adultos (LIMA, 2020), por isso, é importante compreender as principais conceituações sobre afetividade. Segundo o dicionário online de Português, na área da Psicologia, a afetividade diz respeito ao “conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc.). Força constituída por esses fenômenos, no íntimo de um caráter individual.” (DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS)³

A afetividade, nesse sentido, se refere não a uma dimensão isolada, mas que se articula a outros aspectos do desenvolvimento dos sujeitos, tais como as emoções, sentimentos e necessidades individuais (LIMA, 2020). O trabalho de Lima (2020), que cita a produção de Vygotsky (2001) discute que para esse teórico a interação social no meio em que os sujeitos vivem é indispensável para seu desenvolvimento. Conforme Vygotsky (2001 Apud LIMA, 2020, p. 15) “é na interação que acontece a internalização de forma culturalmente estabelecidas de

³ Acesso através do link: <https://www.dicio.com.br/afetividade/>

funcionamento psicológico. O processo de conhecimento vem de fora para dentro, ou seja, o biológico vai se desenvolvendo de acordo com o "sócio histórico".

Das atividades interpsicológicas, os indivíduos vão, pouco a pouco, desenvolvendo funções intrapsicológicas, evidenciando a relação intrínseca entre as funções biológicas, cognitivas, sociais e afetivas (VYGOTSKY, 2001 Apud LIMA, 2020). Tal como Vygotsky, Wallon também considera o caráter indissociável da cognição e da afetividade. Segundo Wallon (apud SARNOSKI, 2014, p. 3):

A afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir de situações, tal estado é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo.

A afetividade enquanto um estado psicológico se manifesta desde os primeiros momentos de vida, já que ela favorece [...] a precocidade nas manifestações psíquicas da criança, encontrando-se ligada às necessidades e automatismos elementares, imediatamente consecutivos ao nascimento (WALLON, 1995, p.128). Longe de limitar a afetividade a algo positivo ou negativo, Wallon chama a atenção para o fato de que é a afetividade "o primeiro comportamento muscular e vocal da criança" (WALLON, 1995, p.128).

Amorim e Calil (2020, p. 99), em seu artigo, ao citarem os estudos de Wallon, lembram que:

[...] qualquer atividade humana interfere em todas as outras, qualquer atividade motora tem consequências afetivas e cognitivas, toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas, e toda disposição mental tem consequências motoras e afetivas, já que [...] 'todas elas têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa' (MAHONEY; ALMEIDA, 2012, p. 15).

Portanto, com base nesses autores, é possível entender que a afetividade, a motricidade e a cognição são dimensões associadas entre si, que geram efeitos na formação integral dos sujeitos. Em razão disso é que discutir sobre o processo de aprendizagem escolar remete, necessariamente, não apenas às questões cognitivas, mas também ao âmbito das relações sociais e afetivas.

Segundo Rodrigues, Blaszkó e Ujiie (2021, p. 64), "o conceito de afetividade nos faz remeter às nossas relações afetuosas, adquiridas primeiramente por meio do contato com nossos pais, irmãos, responsáveis e a família". Ao esclarecer sobre

as concepções relacionadas à afetividade, logo vem à mente situações que envolvem diferentes emoções, sentimentos e afetos vivenciados no contexto familiar.

Além desse contexto, as relações de afetividade são constituídas no espaço escolar, através da interação social com os pares, professores e comunidade.

Na escola, a criança também cria vínculos a partir das relações estabelecidas com os colegas, professores e com a comunidade escolar, nos quais torna-se possível reconhecer e perceber a presença da afetividade. Os laços afetivos são construídos através dos estados emocionais e dos sentimentos, os quais são potentes no estabelecimento das relações humanas (RODRIGUES; BLASZKO; UJIIE, 2021, p. 64).

Esses laços afetivos vão sendo fortalecidos nas relações de socialização, experiências, trocas e amizades, pois, para Mahoney (1993, p. 68 apud AMORIM; CALIL, 2020, p. 101), “[...] a criança, ao se desenvolver psicologicamente, vai se nutrir principalmente das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia”. Esses relacionamentos experienciados no contexto familiar, escolar, comunitário e na sociedade em geral vão definir as alternativas para a busca de soluções e a concretização de possibilidades.

É nessa complexa rede de relações e interações sociais que a afetividade se faz presente desde o início da vida. Chalita (2003) coloca que todos os envolvidos diretamente com a educação das crianças, sejam docentes, profissionais da gestão escolar, equipe pedagógica e famílias, devem preocupar-se com o desenvolvimento integral do educando.

Isso contribui para que os alunos possam não somente assumir todo o seu “potencial afetivo e criativo e que também, possa ampliá-lo, com a finalidade de corrigir suas deficiências de aprendizagem e para que sua **autoestima** possa ser elevada no momento em que houver valorização do seu potencial” (CHALITA, 2003, p. 69, grifo nosso). Com isso, o pesquisador enfatiza o quanto a afetividade é um conceito essencial na formação humana, não devendo ser posta em segundo plano na escola e fora dela.

Outro importante teórico do desenvolvimento humano foi Piaget. Souza (2011) ao abordar a afetividade na visão de autores como Piaget, Vygotsky e Wallon discutem a forma como cada teoria concebe a relação entre afetividade, inteligência, interação social e outros componentes do desenvolvimento humano. A autora afirma que a teoria psicogenética de Piaget, quando comparada às

produções de Vygotsky e Wallon “[...] parece ser a única a explicitamente apontar a ideia de uma correspondência constante entre aspectos afetivos e intelectuais em qualquer conduta, não apenas de maneira geral, mas em todas as fases do desenvolvimento” (SOUZA, 2011, p. 250).

Com relação à afetividade na teoria de Piaget, Souza (2011) traz a seguinte citação da obra desse teórico para mostrar como ele entende a importância da afetividade para o desenvolvimento humano:

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em **consequência**, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente. (PIAGET, 1994, p. 129 apud SOUZA, 2011, p. 252, grifo nosso).

A partir do que diz Piaget, pode-se compreender que no seu entendimento, a afetividade não apenas se relaciona com a inteligência, mas é um fator constituinte e, portanto, indissociável da inteligência. Nesse sentido, “afetividade e inteligência seriam pólos indissociáveis na conduta, mas possuem papéis diferentes, caminhando juntas, conferindo às ações a dupla caracterização estrutural e energética” (SOUZA, 2011, p. 253). De acordo com Santos e Rubio (2012, p. 10):

De modo geral, a evolução da afetividade vai do que Jean Piaget denomina de sentimentos instintivos, correspondentes às montagens hereditárias (reflexos), aos sentimentos interindividuais (simpatias e antipatias), e, posteriormente, aos sentimentos semi normativos (correspondentes às construções representacionais), para chegar aos sentimentos normativos, pertencentes a uma escala de valores e a um sistema mais amplo, correspondente ao sistema operatório, no que se refere à inteligência.

Em conformidade com as etapas de desenvolvimento humano propostas por Piaget, Santos e Rubio (2012) analisam essas transições e avanços no aspecto afetivo dos sujeitos, sempre imbricado no desenvolvimento da inteligência. Se, para Piaget, sem afetividade não pode haver a inteligência, logo, podemos reconhecer, assim, a relevância da afetividade para o contexto escolar, em que as aprendizagens são mobilizadas e favorecem a formação integral dos sujeitos escolares no Ensino Fundamental.

Ao estudar a afetividade no Ensino Fundamental, Ribeiro (2017) ressalta que

as discussões sobre afetividade e cognição tem ganhado espaço na escola, por isso, destaca que a forma como o planejamento é pensado, o ambiente escolar, o conhecimento sobre o desenvolvimento do aluno em cada faixa etária, bem como as atitudes dos professores quanto ao acolhimento e respeito às singularidades dos educandos são cruciais para o desenvolvimento da aprendizagem nos Anos Iniciais.

É esse olhar para o conjunto articulado de dimensões de desenvolvimento que os docentes devem se atentar para que suas práticas educativas permitam estimular integralmente cada criança em idade escolar. A partir dessa discussão, partimos para a análise dos dados coletados na pesquisa.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES REALIZADAS

Este estudo de caso foi desenvolvido durante o estágio nos Anos Iniciais, realizado no mês de maio, com 20 horas de observações e 40 horas de práticas docentes. Ressalta-se que essa pesquisa acompanhou a fase de avaliação trimestral onde a professora regente estava a desenvolver os pareceres individuais. Posteriormente, retornamos à escola em outubro, momento em que pudemos verificar a evolução dos saberes dos educandos, fazendo uma articulação entre o processo cognitivo e o processo afetivo.

A observação desenvolvida deu-se de modo participativo, visto que, ao mesmo tempo em que era observado o cotidiano pedagógico da turma, interagiu-se com os educandos e a docente, auxiliando em alguns momentos. O relato da observação foi sendo registrado em um diário de campo no decorrer de todo o processo, a fim de documentar as informações obtidas, propostas e questões analisadas.

O local é amplo e somente esta turma ocupa a sala, pois no período da manhã não é usada. A sala tem acesso ao banheiro, separado por uma porta, tem reservado único com pia, vai uma pessoa por vez. A sala também contempla uma geladeira que é útil, especialmente, durante o verão para armazenar a água e os lanches, conta com ventiladores e armário que contém jogos e outros materiais didáticos. Nas paredes, estão expostos portadores de texto, varal com atividades

dos alunos, material para estudo da data, do calendário e da chamada, além dos combinados, também o painel dos aniversariantes do mês. O espaço também possui um tapete que serve para a organização da roda de conversa.

Percebeu-se nos dias observados, que a turma se direciona à biblioteca uma vez na semana, podem pegar livros para leitura e prestigiam o “Dia do Conto”, promovido por uma professora e pedagoga que atua na biblioteca da escola.

As crianças da turma têm entre 6 e 7 anos e estão sendo alfabetizadas, principalmente, pelo método fônico. Vale lembrar que nem todos os alunos aprenderão com um só método (SOARES, 2019). E lembramos aqui que Magda Soares também era contra um único método de alfabetização. Em entrevista concedida à Revista Nova Escola em 2019, Magda Soares defendeu:

É surpreendente que ainda se acredite que a alfabetização se realiza com um único método e que se alegue que o método fônico é o único que se fundamenta em “evidências científicas”. Insiste-se em método – em como ensinar – quando o necessário é focar a aprendizagem – como a criança aprende. E há “evidências científicas” sobre como a criança aprende a língua escrita geradas por várias ciências e pesquisas, não apenas pela psicologia cognitiva da leitura, privilegiada pelos que defendem o método fônico (SOARES, 2019).

A professora da turma usa o teste da psicogênese da escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999) para saber o nível em que cada criança se encontra no seu processo de alfabetização. A docente ainda trabalha os gêneros textuais, como parlenda, conto, poesia e utiliza jogos sempre que possível, além do desenvolvimento de atividades interdisciplinares, contextualizadas com a realidade e a cultura.

Aborda os diferentes conceitos matemáticos a partir de jogos pedagógicos, dentro de atividades textuais e em folhas impressas, contagem de letras, de vogais e consoantes. A docente realiza o planejamento pedagógico das atividades com base em sequências didáticas.

Durante a realização das observações desta pesquisa, os alunos, em sua maioria, já estavam no nível silábico, já atribuindo às sílabas fonemas para representar os sons, em um processo de reconhecimento entre sons e letras, sendo esse nível “uma construção original da criança que não pode ser imputada à transmissão pelo adulto [...]” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 213). Outros dois alunos situam-se no nível silábico-alfabético, no momento em que “a criança

abandona a hipótese da sílaba e encontra a necessidade de um número mínimo de letras e uma análise que “transcenda” as sílabas devido aos conflitos entre elas [...]” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 214).

Quanto ao andamento da turma, percebeu-se que os alunos acompanham o desenvolvimento dos conteúdos e saberes construídos e se mostraram muito envolvidos, curiosos, críticos e participativos nas propostas. Por isso, apresentam todas as condições para evoluírem e se alfabetizarem.

Os alunos parecem sentir-se seguros, confiantes e estimulados com as propostas que a professora promove no cotidiano da turma. Nesse contexto relatado, é possível fazer uma aproximação com a afetividade, temática discutida neste trabalho, pois é a partir do estímulo à participação e envolvimento de cada criança que a docente promove um ambiente de respeito e motivação para aprender.

Na perspectiva de Wallon, cognição e afetividade não se separam, ao contrário, se implicam no desenvolvimento dos sujeitos, conforme o teórico afirma:

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 1995, p. 198).

Com isso, percebe-se que a ação de estímulo da docente quanto ao envolvimento dos alunos nas propostas organizadas no espaço da sala de aula é fundamental, ao aliar a afetividade e os componentes emocionais ao desenvolvimento cognitivo da aprendizagem da leitura, da escrita e demais conhecimentos e habilidades.

Observou-se que as ações didático-pedagógicas desenvolvidas em sala de aula são bastante práticas, interativas e dialógicas, pois acontecem muitas dinâmicas de ensino e aprendizagem entre os alunos e a professora neste espaço. A partir dessa ação educacional, pode-se analisar que a interação social entre a docente e os educandos da turma é um fator muito valorizado em suas práticas pedagógicas.

Ao analisar as contribuições de Vygotsky para a educação, Martins (1997, p. 6) discute que “a interação de membros mais experientes com menos experientes de uma dada cultura é parte essencial da abordagem vygotskiana, especialmente quando vinculada ao conceito de internalização”.

A internalização, de acordo com Martins (1997), diz respeito ao processo através do qual as crianças aprendem com os adultos e, pouco a pouco, passam a resolver problemas e situações de forma independente. Nesse sentido, a interação social no ambiente escolar acaba por facilitar as trocas de saberes e a construção de vínculos entre professora e alunos.

4.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO

Com base nas questões do questionário da pesquisa, foi possível analisar os entendimentos e percepções da professora da turma sobre a afetividade e sua influência na educação dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ao ser perguntada acerca de sua compreensão sobre a relação afetiva e a aprendizagem dos educandos, a docente compartilhou as seguintes palavras:

A relação afetiva desempenha um papel significativo, influenciando a motivação, a conexão emocional, o comportamento e a autoestima dos alunos, portanto acredito ser de extrema importância no desenvolvimento cognitivo, criativo e sócio emocional (PROFESSORA).

Percebe-se, com isso, que a professora participante da pesquisa reconhece na afetividade um elemento importante para a aprendizagem e desenvolvimento global e integral dos alunos, o que se articula ao pensamento de Gadotti (2000), quando este afirma que a educação não contempla somente a dimensão intelectual e, por isso, “[...] não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo” (GADOTTI, 2000, p. 10).

Ligado a essa questão, também fizemos um questionamento relativo à influência gerada por um ambiente mais afetivo no contexto escolar. Ao passo que a docente relatou que a presença de um espaço afetivo “[...] é geralmente mais propício ao aprendizado e desenvolvimento dos alunos (PROFESSORA)”. Ou seja, no entendimento da profissional da educação esse contexto dialógico e afetivo cria possibilidades reais e mais amplas de aprendizagem e interação social.

Ela ainda acrescentou que “a afetividade desempenha um papel fundamental em vários aspectos e esses fatores estão intrinsecamente ligados ao processo de aprendizado e desenvolvimento” (PROFESSORA). Assim, é possível reconhecer que a docente vê na afetividade uma importante esfera da formação construída na

escola, que se aproxima da contribuição de Wallon “[...] para a compreensão do humano como pessoa integral, ajudando na superação da clássica divisão mente/corpo presente na cultura ocidental e dos seus múltiplos desdobramentos” (FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010, p. 24).

Outra questão diz respeito às estratégias utilizadas pela professora para desenvolver uma relação afetiva em sala de aula. A docente afirmou que é necessário, primeiramente, conhecer as singularidades e identidades de cada aluno, mostrando o interesse de, enquanto professora, valorizá-los como sujeitos únicos. Assim, cria-se “um ambiente acolhedor, sendo acessível, mostrando empatia, mantendo uma boa comunicação, reconhecendo cada esforço e progresso por menor que seja, usando elogios construtivos, demonstrando muito amor e carinho” (PROFESSORA).

Chalita (2004, p. 162) destaca que, no âmbito da sala de aula, “tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor”. Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado”. É conhecendo seus alunos e registrando seus interesses, gostos e especificidades que a professora consegue constituir este ambiente acolhedor a que ela se refere, sempre lembrando de reconhecer os avanços, conquistas e pontos positivos ao invés de apontar erros e menosprezar as capacidades de cada aluno.

Ao abordar a formação do aluno e a afetividade, a professora narrou que “a afetividade não deve ser vista como algo separado do processo educacional, mas como parte integrante do mesmo”, devendo “ser cultivada de maneira consciente e intencional no contexto escolar” (PROFESSORA). Então, a afetividade é vista pela docente não como um aspecto secundário, mas central e indissociável de outros processos que, juntos, contribuem para um desenvolvimento integral.

Refletindo sobre a própria prática nos anos iniciais, a docente considerou que a afetividade é constante em sua turma e atribui essa característica afetiva a sua personalidade. Em suas palavras, ela menciona:

[...] esse processo é dado pela minha personalidade, sou extremamente carinhosa e afetiva, e isso se dá de forma natural nas turmas em que trabalho e por consequência meus alunos acabam se espelhando e se sentindo à vontade para demonstrar seus sentimentos (PROFESSORA).

Através da vinculação entre os aspectos cognitivos, sociais e afetivos é possível favorecer o desenvolvimento das competências e habilidades dos educandos, de forma que a formação integral constituída nos anos iniciais seja capaz de atingir os objetivos propostos para essa etapa da educação básica e assegurar a formação básica do cidadão, conforme assegura a Lei de Diretrizes e Bases, Lei 9.394 (BRASIL, 1996).

Sem dúvida, a formação do cidadão perpassa pelo respeito às regras de convivência no espaço coletivo da escola e na sociedade em geral. Desse modo, a professora também ressaltou a importância de construir com os alunos um ambiente de respeito e estabelecimento de limites, os quais são considerados indispensáveis: “mantenho um ambiente onde regras e limites também são trabalhados, tendo como objetivo um ambiente positivo e produtivo, onde os alunos se sentem respeitados, valorizados e apoiados em seu processo de aprendizado” (PROFESSORA).

Portanto, é possível analisar que “o afeto é a base para que uma criança desenvolva sentimentos como o amor, a compreensão e a solidariedade, que são essenciais para uma boa convivência no grupo” (REGINATTO, 2013, p. 1). Assim, os obstáculos à aprendizagem podem ser transformados em degraus para a construção de relações mais afetivas e significativas entre professores e alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral que orientou este trabalho foi analisar a relação afetiva no contexto de uma turma de 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola pública de Alegrete, Rio Grande do Sul. Enquanto a questão de pesquisa buscou responder à pergunta: Quais são as contribuições da relação afetiva no ambiente escolar para o processo de aprendizagem nos Anos Iniciais em uma turma de 1º de uma escola pública?

A metodologia usada foi uma pesquisa de abordagem qualitativa, com objetivo exploratório, e os instrumentos de coleta de dados foram a observação participante e o questionário aberto. A observação foi realizada em uma turma de 1º ano dos Anos Iniciais em uma escola estadual de Alegrete e o questionário aberto foi aplicado à professora regente dessa referida turma.

A partir da análise desses dados obtidos com estes instrumentos da pesquisa, percebeu-se que a docente reconhece a importância da afetividade para o

desenvolvimento integral dos alunos. Para a professora, não se trata de reduzir a afetividade a um aspecto secundário, mas a considera uma questão extremamente relevante para a aprendizagem dos educandos.

Em suas práticas pedagógicas, a docente e os alunos apresentam vínculos afetivos saudáveis, pelo que pode ser observado no período de realização da pesquisa. Assim, a docente reconhece os interesses, características e posicionamentos da turma, os acolhendo e transmitindo segurança e carinho no cotidiano. Observou-se que os alunos parecem sentirem-se seguros, confiantes e estimulados com as propostas realizadas.

Portanto, essas análises demonstram as contribuições da afetividade para o desenvolvimento e a aprendizagem dos educandos, já que ao retornar à turma após decorrido um certo tempo, os alunos demonstravam um grande avanço no processo de alfabetização, letramento, numeramento e outras habilidades. Assim, é possível fazer uma aproximação com a afetividade, temática discutida neste trabalho, pois é a partir do estímulo à participação e envolvimento de cada criança que a docente promove um ambiente de respeito e motivação para aprender, que certamente influencia muito nos resultados da aprendizagem.

Por fim, enquanto pesquisadora e futura pedagoga reafirmo a importância deste tema no curso de Pedagogia e na profissão de professora, porque a comunidade escolar e, em especial, cada criança merece ser acolhida e respeitada em suas especificidades e identidades.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Gabriela de Castro Loech; CALIL, Ana Maria Gimenes Corrêa. A afetividade nos documentos oficiais da educação infantil: uma questão a ser explorada. **Devir Educação**, v. 4, n. 1, p. 93-115, 2020. Disponível em: <http://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/202/112> Acesso em: 06 out. 2023.
- BERCHT, Magda. **Em Direção a Agentes Pedagógicos com Dimensões Afetivas**. Porto Alegre: PPGC da UFRGS, 2001. 152 f. :il. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Computação, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1329>>. Acesso em: 24 out. 2023.
- BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 17 nov. 2023.
- BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do Amor: a contribuição de histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. São Paulo: Editora Gente, 2003.
- CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 17 ed. São Paulo: Gente, 2004.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS**. Afetividade. Disponível em <https://www.dicio.com.br/afetividade/> Acesso em 01 out. 2023.
- FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar Em Revista**, (36), 21–38. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/9jbsbrcX4GygcRr3BDF98GL/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 15 nov. 2023.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo- SP Ed. Atlas SA, 2008.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.
- LIMA, Mércia Rejane Lopes. **A relação afetiva entre professor e aluno: a concepção de professores antes e durante a pandemia de Covid 19**. 2020.

Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17889/1/MRL12082020.pdf>

Acesso em: 03 out. 2023.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psicologia da educação, São Paulo, n. 20, p. 11-30, 2005. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Emoção e ação pedagógica na infância: contribuições da psicologia humanista. **Contrapontos** - volume 7 - n. 2 - p. 299-311 - Itajaí, 2007. PONTOS CONTRA. **Temas em Psicologia**. Sociedade Brasileira de Psicologia, SP, 1993, nº 3, p. 67-72.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. (Org.). **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. 10ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. Série Idéias, v. 28, p. 111-122, 1997.

Disponível em: <https://togyn.tripod.com/o_papel_das_interacoes_na_sala.pdf>

Acesso em: 15 nov. 2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

REGINATTO, Raquel. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. **Revista de educação do IDEAU**, v. 8, n. 18, p. 1-12, 2013.

Disponível em:

<https://www.bage.ideau.com.br/wp-content/files_mf/ef54983f67d24fc3b952acc46c85606111_1.pdf> Acesso em: 16 nov. 2023.

RIBEIRO, Rosa dos Santos. **A AFETIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL: O ESTADO DO CONHECIMENTO E AS CONTRIBUIÇÕES DE PIAGET E WALLON**. 2017. 218 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO. Disponível em: <<https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3940>> Acesso em: 25 nov. 2023.

RODRIGUES, Gleice Mari Machado Miranda; BLASZKO, Caroline Elizabel; UJIE, Nájela Tavares. A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM. In: **Colloquium Humanarum**. ISSN: 1809-8207. 2021. p. 61-76. Disponível em:

<https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3960> Acesso em: 05 out. 2023.

SANTOS, Fabiane; RUBIO, Juliana de A. S. **Afetividade: abordagem no desenvolvimento da aprendizagem no ensino fundamental: uma contribuição teórica**.

Saberes da Educação, v. 3, n. 1, 2012.

SARNOSKI, Eliamara Aparecida. **Afetividade no Processo Ensino-Aprendizagem** – Revista de Educação do Ideau, Vol. 9, nº 20, 2014.

SOARES, Magda. “**Magda Soares**: “Estou indignada com o MEC”. 2019. Entrevista a Revista Nova Escola. Disponível em: <<https://desafiosdaeducacao.com.br/magda-soares-alfabetizacao-saeb/>> Acesso em: 10 out. 2023.

SOUZA, M. T. C. C. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. **Psic: Teor e Pesq** [Internet]. 2011; 27(2): 249–54. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000200005>> Acesso em: 20 nov. 2023.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.